



52-2.385



O CORSARIO,

JORNAL LITTERARIO E DE CRITICA THEATRAL.

N. 6.

Sabbado 12 de Abril.

1851.

O CORSARIO.

THEATRO DE S. FRANCISCO.

O EMPRESTIMO DE CINCO FRANCOS.

Assistimos a esta representação, sexta feira 10 do corrente. O drama, se assim lhe quizermos chamar, é mediocre. A traducção apenas soffrivel.—Insistimos no merito das traducções, por que geralmente são uma desgraça. O desempenho dos actores pela maior parte, achámo-lo inferior ao do *Peregrino Branco*. A Sra. Orsat teve momentos de feliz inspiração. Disse algumas palavras com graça, e não nos desagradou. Todavia o seu papel, foi demasiadamente declamado, a culpa não é d'ella certamente, mas julgamos fazer-lhe um bom serviço, advertindo-a. O character que ella revelava éra demasiado vulgar e conhecido, e por esse mesmo motivo, devia ser expressado com mais naturalidade. A sua parte estava mais decorada do que sabida. Queremos que o artista se exprima, como se falla, e não como se óra. O theatro não é um Oiteiro. O publico quer ser commovido, e não maçado. Esta advertencia, não se dirige simplesmente á Sra. Orsat, pois ella é talvez uma das menos culpadas n'este abuso de declamação, mas entende-se com a maior parte dos actores, tanto d'um como d'outro theatro.

O Sr. Florindo comprehendeu bem o caract-

ter do velho soldado. O *Emprestimo de cinco francos*, depois de mais algumas representações deve fazer melhor effeito, e agradará mais.

Os outros papeis, que não julgamos de grande importancia, estavam sabidos, e concorreram para que a representação não fosse mal desempenhada, e mesmo aplaudida algumas vezes com enthusiasmo.

Não desanime o Sr. Florindo, e continúe com ardor na sua meritoria empresa, pois o publico sabe levar em conta todos os seus esforços; e crê, como nós, que a perfeição só se alcança á custa do trabalho e do estudo, e aproveitando os concelhos d'uma critica que ainda, que muitas vezes pareça severa, é contudo verdadeira, e bem fundada.

A' « PACOTILHA. »

O *Corsario*, apezar de marinheiro, não recebe um cumprimento, sem lhe responder com uma cortezia.

—Suba pois, toda a tripulação para o convez.—Iça a bandeira na mezana.—Saudemos a *Pacotilha*.—E seja hoje mais um dia de festa a bordo.

Agora cheguem-se os commandantes á falla.

—Quantos dias de viagem?

« Oito, e bom vento de bolina. »

—Andar assim, capitão—Nós trazemos tambem oito dias de travessia, mas as norta-

das por cá tem sido diabolicas. Já mettemos um *calhambéque* a pique, e estamos preparando os *arpéus* para dár-mos *abordagem* a mais algum, que appareça.

« Vida de corsario, não tem descanso. »

— Mas tem gloria, capitão ! O navio é pequeno, mas é um *barra* dentro d'agua; corre, que o não alcança um paquete d'esses da Real Companhia de Medway !

« Assim é a vida.—Cada um segue o seu rumo, apponta a sua estrella, e demanda diversa praia; este n'uma lancha, aquelle n'uma fragata. »

— Fragata ! dizeis vós ?—Eu antes lhe chamarei uma *náu da India*.—Tão forte madeiramento no casco—tão rijo cobre no costado—tão fina polvora nos paíões—e tão ricas preias a bordo, ninguem é capaz de levar a terra em tão curta derrota. » — Assim, capitão, assim ! Vós, procurais o continente—e nós... alguma ilha solitaria !

« E aquella viagem a Paphos ? »

— Palavra de homem de mar, que não sabe faltar a ella; se chegar-mos a entrar em Paphos, estais convidado para um banquete, que nos ha de fazer lembrar aquelles manjares, de que se falla no livro de Telemaco, que ambos nós lemos, pelo menos uma vez na escola, não é verdade, capitão ? !

« Assim é. Apezar do meu navio ser de guerra, o ponto está em ser-mos embarcados; vai um homem atraz das tentações.—E de mais, o confessor de bordo não segue á risca a letra do Evangelho !

« Então está dito, conto convosco. — E adeus. Para onde seguis ?

— Para a barra do Rio de Janeiro, e vós ?

« E' mysterio !

— Boa viagem !

« Boa viagem, capitão !

— Homem do leme, que prôa leva o *Corsario* ?

« E'ste, quarta de sudoeste.

— Os vigias nos seus postos; e andar!

BIBLIOGRAPHIA

ULTIMOS CANTOS

Poesias do Sr. Dr. Gonçalves Dias.

(Continuação.)

As *Americanas* do Sr. Dr. Dias, são quanto a nós o seu mais valioso titulo para o lisongeiro apreço, que tem de dar a seus versos a posteridade. N'essas paginas perfumadas pelo balçamico olôr das plantas silvestres, suavemente inspiradas pelo aspecto sereno d'um céu de melancolico azul—ou pela frescura da grata sombra do tamarindo em flôr—respira-se toda a brilhante poesia da natureza brasilica. Quer o poeta nos leve a contemplar o leito de folhas verdes, preparado pelos desvelos d'amante para o somno de Jatyr a quem chama em clamorosos suspiros, mas vê com tristeza, do leito inutil, a brisa da manhã sacudir as folhas. Quer nos pinte do fero gigante, os membros collossaes, que só puderam fundir os raios, e nos ameaça deslocar um dia estes mares, quando a crença e a patria não tiverem as sacrosantas áras no peito dos nobres filhos do continente americano. Quer nos revele os infortunios do prisioneiro dos Tymbiras, desse desventurado *Y-Juca-Pyrama*, que vai prestes sacrificar a honra á piedade do amor filial—e é amaldiçoado pelo venerando ancião, que despresa a vida quando ganha a troca d'uma palavra desleal. Quer nos traduza em sentidas endeixas o abandono ingrato da triste Marabá. Quer no diga as alegrias do Tamoyo,—ou as temerosas ficções da feiticeira das aguas—as inspirações do poeta são mais nacionaes aqui, mais pomposas, mais verdadeiras, pois é este genero, segundo nós pensamos o traço mais caracteristico da sua individualidade poetica !

Não é nosso intento fazer uma analyse detalhada d'estes preciosos versos. Contentamo-nos, pois, em fazer notar ao publico esta primeira parte dos—*Ultimos Cantos*—, como a mais nacional, a mais nova, a mais bella das expressões do talento do Sr. Dr. Dias. Parece-nos até, que o poeta foi mais cuidadoso, mais perfeito na fórma, sempre apropriada, sempre amena, sempre enriquecida com todos os immensos recursos de seu magnifico estylo. A propriedade das suas imagens, a pintura, apenas esboçada, mas verdadeira, d'aquelles caracteres indigenas, dão a alguns d'estes poemas, todo o movimento d'um dra-

ma, que nos interessa, que nos prende, e muitas vezes nos arrebatá! Esperamos, que o Sr. Dias, não cumprirá á risca o sentido das palavras do titulo do seu ultimo volume, e ousamos então pedir-lhe, em nome da litteratura brasileira, que aproveite o seu talento e vocação para uma obra de mais largas dimensões, um poema dos feitos heroicos desta tribus generosas e selvagens como o leão dos desertos, que com a coragem da sua honra envergonham a sociedade gasta, estafada, e ignobilmente hypocrita em que vivemos, e que se chama civilisada. Julgamos ser este um vasto campo para a sua brilhante imaginação, e que nos promete horas d'agradavel leitura e de patriotico euthusiasmo.

(Continúa.)

— — — — —

**Ao correspondente do Jornal
do Commercio.**

E' hoje um dia de boa estrea para provarmos que não desmentimos a devisa do nosso programma. Imparcialidade para com tudo, e todos;—protecção e auxilio aos fracos e oprimidos contra os fortes e poderosos; eis as palavras inscriptas na nossa primeira folha, e que até hoje, ainda que pésa a alguém, não deixámos de cumprir pontualmente. Continuaremos pois.

Lêmos no *Jornal do Commercio* de 10 do corrente, uma correspondencia assignada por V. V. V., que merece ser contestada para intelligencia do publico, que não costuma, de certo, estar iniciado nos famosos mysterios de bastidor. Diz o correspondente, depois de alguns trechos de patetica declamação, «*que o Sr. João Caetano offerece ao Sr. Florindo a mensalidade de 200\$ rs., e um beneficio em S. Pedro d'Alcantara, sujeitando-se como os demais actores a ir representar no theatro de Santa Thereza! Ninguém dirá que ha nesta offerta, continúa, falta de justiça e até de generosidade! O Sr. Florindo porém não aceitou, e além de pretender maiores vantagens pecuniarias, exigia que fosse supprimida a condição de trabalhar em Nitherohy!*»

Ora, a fallar com franqueza, *c'est trop fort*, e o Sr. João Caetano fez muito bem, até por que não convinha estabelecer precedente tão perigoso!

Pois bem! Nós affirmamos, que o correspondente não tem razão, ou está talvez iludido; e vamos provar-lh'o.

O Sr. Fiorindo não se quiz escripturar, é verdade; mas por que motivo?—Por que o Sr. João Caetano offerencia-lhe apenas esses 200\$ rs. mensaes, de que falla o correspondente, com a restricta condição de representar tambem no theatro de Nitherohy.—Isto não convinha ao Sr. Florindo, pois em outro tempo já lhe tinha sido dado este mesmo ordenado, sem a obrigação de representar no theatro de Sta. Thereza.

Ora, pedindo o Sr. Florindo mais 50\$ rs. para ir representar do outro lado do rio, julgamos que não é exagerada a sua exigencia; pois entendemos, que o Sr. Florindo está em circumstancias de o exigir;—e o Sr. João Caetano devia fazer todas as diligencias para o conservar no theatro por que o merece, e o publico aprecia-o, como costuma fazer a todos os artistas de incontestavel merecimento, como o Sr. Florindo.

Quanto a não querer o Sr. João Caetano estabelecer *precedentes perigosos*, julgamos infundado, e mesmo extemporaneo o seu receio; visto que esses *precedentes* já estavam estabelecidos, desde que a Sra. Lodovina e a Sra. Gabriella, assignaram os seus contratos, como supomos, com a clausula de não representar em Nitherohy. Além disto, deve saber o correspondente, que o Sr. João Caetano quando soube que a Sra. Veluti estava em contrato com o Sr. Florindo para entrar na companhia do theatro de S. Francisco, mandou offerer a esta Sra. um muito mais vantajoso partido, do que aquelle que éra compativel com as forças dos apoucados recursos pecuniarios do Sr. Florindo, e no qual entrava como condição, não representar no theatro de Sta. Thereza. Já se vê, que tambem estamos ao facto da questão.

Ninguém acredita, de certo, que a exclusão do Sr. Florindo do quadro dos artistas do theatro de S. Pedro, fosse motivada pelas razões de ciume, apontadas pelo correspondente. Mas o que está fóra de toda a duvida, é que o Sr. João Caetano, por tão pequeno augmento de ordenado, deixou de escripturar este artista, que incontestavelmente devia ser de grande apreço para a companhia do theatro de S. Pedro.

Mas, não importa. Julgamos que a justiça está da parte do Sr. Florindo—e acreditamos

tambem, que a concurrencia das duas companhias, em vez de ser um mal, é um estímulo para a arte, que deve prosperar, e progredir.

Sentimos que o correspondente, homem *maduro*, como se deixa conhecer em todas as suas palavras, mesmo nas de mais recondito sentido, não quizesse assistir a toda a representação do *Peregrino Branco*, pois havia de concordar com nosco, que uma *criança* com instinctos d'artista val mais do que um homem feito na... semsaboria!! Por enquanto fiquemos aqui, se bem que tínhamos ainda muito que contestar-lhe.

THEMIS.

Consta-nos que a Sociedade—Melpomene—pretende convidar SS. MM. II. para assistirem á sua recita de Maio, em que leva á scena um drama original de uma das nossas capacidades litterarias. O empenho da Sociedade é louvavel, e desejamos ve-lo coroado de um lisongeiro resultado.

Asseguram-nos tambem, que a mesma sociedade, deseja convidar á Sra. Leonor Orsat, para com a Sra. Jesuina Montani, tomar parte nas suas representações. A ser assim, não podemos deixar de felicitar a estas duas Senhoras, pois são obvias as conveniencias que lhes podem resultar, representando entre pessoas tão conspicuas, e no seio de uma sociedade distincta, que lhes poderá ser ainda util em algum tempo.

REPERCUSSÕES.

Dizem que ha desordem no Olympo. Jupiter zangado com algumas frexadas que Cupido, para divertir-se, lhe atirava de vez em quando, quiz chamar o pequeno á ordem, mas a criança recalcitrou. Acudiu logo Vulcano, e tomou o rapaz sob sua protecção.

Venus tem querido congraça-los, mas Jupiter jura pelo *Styx*, que não socegará enquanto não arrancar o carcaz ao Deus menino.—Faz muito bem!

Clio, arrebatada pelas libações de seus sacrificadores, dizem que mandára uma mensagem a uma das nove irmãs, significando-lhe o desejo de afastar-se da sua companhia. A esta noticia, a Muza deixou cahir o punhal, ergeu a taça, cobrio-se de crepe, e pediu a Mercurio o passaporte para a ingrata irmã. Clio não fez bem. O ar da Beocia, onde consta que se quer ir estabelecer, não é tão puro como o que se respira na Phocida. Queira Jupiter que lhe não aconteça como ás tres Serêas, as quaes, pelo seu desmezurado orgulho, perderam as azas, que serviram depois de grinaldas e enfeitaram as fronte de suas proprias rivaes.

O Deus coixo, lá para fins que elle sabe, ausentou-se do seu Etna, e tomou para isso a forma de uma *rabeca*. Jupiter que o observa, ri-se do ferreiro; e em quanto os Cyclopes tomão tambem diversas formas, Jupiter espia a occasião de fulmina-los todos com um raio que elles proprios lhe forjaram.

Anda por ali uma *rabeca* desafinada, cujas cordas nos parecem ser feitas de coiro de burro, ou do tampo d'algum tambor velho, que falla em litteratura como um sapateiro de porta de rua, no systema socialista de S. Simon!—Que miseria!—Mas nós conhecemos-lhe o fim; dirige duas sensaborias ao CORSARIO, para ver se merece resposta; engana-se. Estas duas linhas que escrevemos, são simplesmente para dar-lhe um concelho, e vem a ser, que analyse antes os pontos d'algum sapato, que fosse acabado com perfeição; por que nos parece tirará melhor resultado, do que mettendo-se em cavallarias altas. Não tencionamos responder-lhe mais; mas comtudo, se fôr preciso...